



CAMPINAS, 22/05/2002

ELZA BERQUO – “20 ANOS DO NEPO”

... só por isso, era relativamente fácil conseguir recursos para que se pudesse empreender pesquisas nessa área ou de planejamento familiar ou de população, as denominações eram várias. Então, isso para um pouco o elemento, a facilidade com a qual, não só ela, mas a facilidade com a qual se podia fazer pesquisa. E por outro lado, mostrar como a Organização Mundial de Saúde, ao apoiar um programa de vulto de 5 anos numa faculdade de saúde pública, ainda tinha uma visão de que essa questão de população era uma questão muito mais da área da saúde. Isso, acho que é importante salientar, porque o nascedouro das instituições, tem que ver a instituição, quem lidera, e também, conquistar o espírito das instituições que vão financiar, de onde é que elas vem, que tem que ver, na verdade, com a resposta que se espera do investimento. Então, ainda naquele momento, havia uma visão de que isso tinha muito que ver com saúde. Bem, aí então, essa pesquisa, que começou em 1965, ela é importante, por que? Porque, na verdade, ela inovou na questão de história reprodutiva das pessoas. Então, o carácter retrospectivo dessa pesquisa inovava, porque recolhia uma história reprodutiva, que era muito rara na ocasião que assim se fizesse. E por outro lado, ela tinha também, o seu aspecto prospectivo, porque as mulheres foram acompanhadas durante 16 meses com intervalos de entrevistas a cada 4 meses. Por que? Porque se pretendia fazer um estudo exaustivo sobre a questão do aborto provocado no Brasil. E que acabou, na verdade, se transformando num trabalho importante da Dra. Lucila Vilanesi, que foi uma tese de doutorado sobre essa questão. Para essa pesquisa, na verdade, houve financiamentos vários. O Population Council, a Fundação Ford, a Organização Mundial da Saúde, e durante a fase de análise desse material, a Fapesp, proporcionou um conjunto grande de bolsas de pesquisa para que os pesquisadores pudessem analisar esse material. Então, criado o CEDIP, as pessoas voltam do exterior, já com sua pós-graduação em demografia, cheias de entusiasmo para darem andamento a esse projeto que, na verdade, era um sonho que amadurecia. Muito bem. Quando nós estamos vivendo esse sonho, vem a noite negra da repressão militar no Brasil, em 69. E aí, vários de nós da



Faculdade de Saúde Pública, temos de deixar a Universidade de São Paulo. Paulo Singer sai, eu também saio, e Cândido Procópio, na verdade, passa a dividir o tempo dele também entre estar no CEDIP e, por outro lado, ajudar na proposta de criação do CEBRAP, que também, não é por acaso, nasce em maio de 69. Ou seja, aqui nós nascemos em maio de 1982. Bem, com isso há uma interrupção num projeto que vinha crescendo. E a Faculdade de Saúde Pública com o passar do tempo, não honrou o compromisso que havia feito, de manter essa instituição, que era esse CEDIP, importante o primeiro, digamos assim, no Brasil e na Universidade de São Paulo. Nem há dúvida que seria o primeiro mesmo. O CEDIP continuou a sua vida, até porque, foi agregando novos pesquisadores além desses que eu mencionei. E continuou o seu trabalho de pesquisa e de ensino. O CEBRAP, mantém uma inter-relação e um diálogo muito grande com o grupo, com o CEDIP que ficou. E não é à toa, que essa pesquisa que serve de diálogo para o grupo que foi para o CEBRAP e o grupo que ficou na Faculdade de Saúde Pública para a elaboração de um livro onde a Coletta participou ativamente na confecção desse livro. Os organizadores do livro são Cândido Procópio e Maria Coletta, na época Albino de Oliveira e Elza Berquo. Esse livro chama-se “A fecundidade em São Paulo”, ele saiu publicado em 1975, dada essa interrupção. Mas se constituiu num elo de ligação entre as pessoas, algumas que ficaram e outras que saíram. Porém, ao não honrar o compromisso, a Faculdade de Saúde Pública, a única alternativa, houve uma verdadeira diáspora dos demógrafos que lá estavam. E aí, alguns são absorvidos na Faculdade de Arquitetura, outros na Faculdade de Medicina e outros pelo Departamento Etnologia da própria faculdade. Então, essa dispersão... e fica no ar alguma coisa que se denomina um Centro Inter-unidades. Na verdade, ao ser dito “viraram um Centro de Inter-unidades” ele significou, então, que seria alguma coisa que funcionaria numa parceria entre a _____, entre a Faculdade de Medicina e a própria Faculdade de Saúde Pública. Mas, uma vez na _____, a Neide Patarra, a Neide Patarra vai para a _____, a Coletta vai para a _____, e nessa altura a Coletta estava no grupo do CEDIP, vai pra _____.... E na _____, cria-se o PRODEUR, o Programa de Estudos de Demografia e Urbanismo, e também, contando o apoio da Fundação Ford, que sempre esteve presente. Porque a Fundação Ford, também, apoiou maciçamente a criação do CEBRAP. Ficam, então, alguns na _____, outras na Medicina, outros na própria Faculdade de Saúde



Pública. Aí vem a abertura e nós estamos no CEBRAP. Agora no próprio CEBRAP, antes de entrar a abertura, nós fazemos... começamos através do Conselho Latino Americano de Ciências Sociais do Grupo de Trabalho de Reprodução da População, começamos uma análise teórico-crítica a respeito das pesquisa estilo CAP, que eram as pesquisas que tinham predominado no mundo em desenvolvimento sob a égide dos Estados Unidos para, no fundo, colherem as informações, qual o conhecimento, a atitude, a prática das pessoas, para que se pudesse, na verdade, introduzir o tal do planejamento familiar. No fundo, a visão do estudos CAP, era uma visão muito limitada. A nossa pesquisa de 65, ela foi financiada baseada nessa intenção, só que ela desviou para outro lado. Mas, mesmo assim, a suas limitações não permitiram que se pudesse sair do nível de diferenciais. Então, o estudo de fecundidade ficou no nível dos diferenciais e não no nível de um poder explicativo da área do comportamento. Então, ainda em parceria com o pessoal da _____, do PRODEUR, com o que restou do CEDIP, e o CEBRAP, a gente começa a montar a pesquisa nacional de reprodução humana, cuja discussão é do início dos anos 70, e ela vai a campo em 1975. E essa pesquisa se beneficiou, evidentemente, da contribuição enorme de Paulo Singer, de Cândido Procópio e de nós mesmos. E ela tentava, exatamente, colher uma pesquisa contestatória, ir mais longe do que havia ido a pesquisa anterior. Ela envolve pesquisadores como Otaviano, Fernando Henrique Cardoso, Juarez Brandão Lopes, Vilmar Faria, Bolivar Lamorier, etc. Todo esse pessoal tem trabalho escrito dentro desta pesquisa, que trabalhou, partiu de uma hipótese de que o comportamento reprodutivo, ele era uma resposta distinta conforme os modos de organização da produção existentes na época, é uma visão marxista. E com, não de uma forma direta, mas com a mediação das instituições. Seja da educação, da igreja, da saúde, da mídia, da família e assim por diante. Então, essa pesquisa, de novo, continuou esses diálogos das diásporas, que estávamos ali. Bem, aí vem a abertura. E com a abertura vem a possibilidade de voltar. E agora estou falando de mim, porque vários outros voltaram. Havia a possibilidade de voltar. E aí, se me permitem um pouco ser pessoal, eu tinha dois lugares para voltar, um era a Faculdade de Saúde Pública e outro era o Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação para onde uma parte da estatística matemática do departamento tinha ido na reforma universitária e passei muito tempo para tomar uma decisão. Os dois achavam me queriam, a razão me levava a matemática o coração me levava para saúde pública, até que o coração venceu e eu decidi voltar para a Saúde Pública. O que não se concretizou porque eu tive a metade



dos votos da Faculdade de Saúde Pública contra a minha volta. E eu só voltaria pelo voto de Minerva da direção. E aí então, foi quando o Professor Pinotti, que era reitor da Universidade de Campinas, sabendo disso, me convidou então, se eu viria para a UNICAMP para criar um Núcleo de Estudos de População. Esse diálogo com o Prof. Pinotti, que já tinha na época, muito clara a visão da transdisciplinaridade, porque já era assim que ele já falava na época, e que os núcleos, na verdade, eles eram fundamentais, porque eles iam permitir essa troca de conhecimento, ou seja, colocar juntos conhecimentos distintos a bem do avanço a própria ciência. E aceitei o desafio. E desde logo ele deixou claro “Olha, aqui na UNICAMP, só temos uma pessoa que dá algum ensino de demografia, que é o Prof. Daniel Roland, e também o Dr. Aníbal Fuentes, na área mais ligada a reprodução”. Então aqui da casa só poderíamos contar, segundo ele há 20 anos atrás, com essas duas pessoas. Mas aí, ele me deu carta branca para que pudesse escolher as pessoas que seriam o núcleo fundador deste NEPO. E várias vezes, o Daniel deve se lembrar, nós nos reunimos ainda para trocar idéias de como fazer e assim por diante, e agora que eu passo para a Segunda parte. Como é que nós poderíamos fazer? Essas conversas se dão no final de 81, elas se desenvolvem também, durante 82. E aí, na verdade, em 25 de maio de 82 se cria o NEPO. E esse NEPO, na proposta que nós fizemos, nós éramos objetivos _____ divulgação de conhecimentos sobre questões relevantes da demografia que represente ao mesmo tempo um diálogo com a produção científica atual e uma reflexão crítica sobre tendências de modalidades de conhecimentos recorrentes e emergentes. Segundo: implementação e desenvolvimento de pesquisas nas áreas temáticas relevantes de população, cujo os resultados possam servir de forma direta ou indireta à atuação de órgãos públicos, sejam eles federais, estaduais ou municipais, e por fim, colaborar com institutos afins da UNICAMP ou de outras universidades no sentido da formação de novos quadros. Quando da elaboração da proposta de implementação do núcleo encaminhada em 29/07/82, que foram encaminhadas ao reitor, as áreas temáticas que foram definidas naquele momento incluíam família e reprodução, espaço e população, migrações internas, análise demográfica, instituições e ideologias, economia e população, fisiologia da reprodução, mortalidade, morbidade e saúde. Quais foram os fundadores do NEPO? Convidados, e que aceitaram. Então, Daniel, como eu já falei, Aníbal Fuentes, que eram da casa. Neide Lopes Patarra que veio do PRODEUR pra cá, Maria Coletta Oliveira que veio pra cá também, Andreia Loiola que trabalhava no CEBRAP conosco, antropóloga, Carlos Eugênio de Carvalho Ferreira



que era também o nosso colaborar e veio para cá, e a Maria Isabel Baltar da Rocha, socióloga, que veio inicialmente com a função... – Como eu era ingênua né Bel?

... de que ela iria me ajudar a administrar. Mas ela, pesquisadora nata, não se deu muito bem nessa função e felizmente assumiu a sua vocação e muito fez pelo NEPO. Então, com esse grupo fundador, na verdade, nós começamos o nosso trabalho. Não, foi fácil. Porque quando a gente pensa que levou 9 anos, porque só em 1991 os núcleos, pelo menos o NEPO, e institucionalizado, e o NEPO teve um papel fundamental e decisivo na CAE para consolidação dos núcleos, esteve sempre presente, participativo, para que, na verdade, houvesse essa institucionalização. E eu digo com franqueza... eu acabei ficando, primeiro de 82 a 92, porque só no final de 91 que se institucionaliza, e eu já tinha tido uma experiência anterior de deixar o sonho caminhando e ele não ir pra frente. Então aqui, no caso do NEPO, eu fiquei na direção do NEPO até ter certeza que estaria consolidado, como outros núcleos também. E aí, na primeira fase da sua consolidação, os participantes me elegeram, e aí já foi por eleição, para dirigir o NEPO. Eu teria a possibilidade de 4 anos, mas eu quis ficar só 2, até porque, o tempo dos mais jovens também era um tempo urgente, e eu queria, então, uma substituição. E foi com muita felicidade que a Coletta passou a coordenar o NEPO por 4 anos. Agora, eu queria dizer que, o nosso afã de ensinar era tão grande que, não ainda aqui, mas lá Rua Luverci Pereira, porque o NEPO junto com o NEPP, se instalou numa casa fora do campus. Porque naquela ocasião não tinha nem espaço para instalar núcleos. Foram criados 27 ao mesmo tempo. Hoje em dia eu nem sei quantos restam daqueles 27. Mas, a verdade é que, então, nós dividíamos o nosso espaço, muito pequeno, mas dividíamos. Eu me lembro que num momento de certo desespero dentro daquela casa, chegamos a fazer uma coisa pré... entendeu? Que o Jonny, nos ajudou a fazer uma construção no quintal, que era uma casinha pré-fabricada no quintal dessa casa, na rua Luverci Pereira, porque o espaço era muito pequeno. Para quem conhece o Jonny, sabe que, põem uma coisa... “Ah, eu faço, pode deixar que eu faço”... construiu uma casinha de madeira no fundo quintal...

_ Construção clandestina, né?

_ Clandestina, completamente, clandestina. E aí, a gente conseguiu expandir um pouquinho pra lá. E como eu estava dizendo, a nossa vontade de ensinar era tão grande, que em 1983, recém criados, nós oferecemos um primeiro curso que chamava de Especialização em Análise Demográfica. E depois soubemos que éramos proibidos de ensinar!! Porque núcleo não era unidade docente, e o



que nós estávamos fazendo ali? Então, na verdade foi terminado esse curso, que também tinha seis módulos. E tinha as pessoas que ficaram muito satisfeitas de terem feito esse curso. Nós de ensinarmos e eles de receberem. E aí vimos que não era da nossa alçada. Nossa alçada era pesquisa e ação, também, que nós nos propusemos de divulgação do conhecimento para fora dos muros da universidade também. E eu queria destacar aqui, que o NEPO esteve presente firmemente quando em 83, do doutorado de ciências sociais, ele se responsabilizou desde o início de uma área de concentração dos estudos população, que existe até hoje. Então, era o começo da nossa existência, mas nós já estávamos tentando, realmente, levar para dentro da universidade, reforçar aquilo que já existia quando chegamos aqui. E depois, da mesma forma, no doutorado de demografia em 93, o NEPO tem uma atuação fundamental para as metas, para os programas e assim por diante. E como acho que já foi dito aqui, hoje nós tivemos 3 seções, eu já não sei muito bem qual delas disse o que. Mas de qualquer maneira, a participação, embora não seja um curso do NEPO, mas vamos dizer que, além dos 4 docentes do instituto IFCH, que são Daniel, a Coletta, a Rosana e o Zé Marcos, todos os demais membros no NEPO participam prazerosamente e com competência do curso de doutorado de demografia do IFCH. E agora temos mais essa novidade boa, que foi aprovado o mestrado. Na ocasião, eu me lembro, que eu conversava muito com o João Manuel, e eu acho que foi até por uma influência minha mesmo, o que pelo jeito eu estava equivocada, que nós não deveríamos fazer mestrado, mas deveríamos ir direto para um doutorado. Por que? Porque num doutorado – e o João Manuel na ocasião, concordava muito comigo, e acho que até nos influenciámos muito mutuamente, – é que se você começa num doutorado, já num outro patamar, você aproveita os bons mestres, que já são mestres em outras áreas, e trás o mestres para o doutorado. Não é bem assim, porque como a demografia não faz parte da graduação, ela não gradua em demografia, você tem que despertar talentos e interesses quando você está no nível ainda do mestrado. E aí você vai selecionar os seus melhores elementos. Mas esse erro de percurso já foi corrigido e já temos, então, na verdade, um mestrado. Bem, eu disse tudo isso, contando...aliás eu estou começando a escrever para facilitar o trabalho dos biógrafos. Da demografia. Porque a biografia da demografia precisa ficar escrita nesse país. E eu estou começando a reunir notas, isso precisa ficar documentado. Então, na verdade, eu fiz esse percurso no tempo, quer dizer, o espírito visitou áreas do conhecimento, visitou instituições, visitou pessoas, não encontrou algumas que não estão mais, mas encontrou outras, e agora, o espírito volta-se, na verdade, para o futuro. Este futuro, é um futuro fundamental, porque esse campo, digamos interdisciplinar, ele não é como alguns campos que possam passar de moda, ele é um campo fundamental porque ele instrumentaliza um conjunto de outros conhecimentos, sem o qual, campo esse, esses outros campos do conhecimento dificilmente podem ir pra frente. Então, o que acho sim, que a qualquer momento, e aí nós devemos



fazer um brainstorm, é que a gente tem que repensar “Que animal é esse que é o demógrafo do futuro com toda a tecnologia que está aí, com todos os meios que se pode dispor, com a rapidez com a qual o conhecimento passa de mão em mão, de cabeça em cabeça, e as vezes, mal interpretado, mas, a velocidade do conhecimento, seja das informações quantitativas, seja das interpretações, seja do diálogo contínuo e permanente com o mundo inteiro, requer uma agilidade tão grande, que eu acho que trás pra essa área, uma necessidade, também muito grande de aperfeiçoar o modo de se comunicar, o modo de pensar, que é um modo bem mais rápido, e as vezes, não tão acabado, e talvez deixar para os mais velhos reflexões mais profundas que possam de alguma forma, até porque eles tem mais tempo, informados por tudo isso, poderem ir dando contribuições. Porque os jovens tem que correr, e essa corrida é muito rápida, ela é extremamente rápida. Você ao estar enfim, hoje em dia você está sabendo o que está acontecendo lá em Princeton na hora. O que está acontecendo, o que estão fazendo, o que já se avançou, não avançou, qual é a última linha de uma tese de uma pesquisa que está em andamento. E isso tem que ser incorporado com uma rapidez muito grande. E essa rapidez muito grande, que eu acho, que nós temos que parar para pensar como é que vamos fazer até para que o nosso ensino, de alguma forma, ele possa uma parte dele ser a distância. E eu acho que é uma coisa que nós temos que pensar também que, você pode Ter um mestrado um doutorado presencial, mas uma parte que não precisa ser presencial, mas que possa ser a distância. Porque com isso você acaba atingindo e retroalimentando um conjunto muito maior de pessoas dentro do país ou nas vizinhanças do país ou em qualquer lugar onde possam estar. Então, é aí que eu queria chegar. Eu queria dar as boas vindas a todos que chegaram ao NEPO depois que ele foi fundado, que ele começou e que tem sido motivo de muito orgulho pra todos nós pela carreira que estão fazendo e que, cada vez, leva pra frente o nome dessa instituição. E eu queria dizer que, a sensação que eu tenho, é que foi aqui que essa área encontrou uma guarita duradoura. E o espírito, nessa revisita, termina aqui.



MANIFESTAÇÃO DE GERALDO GIOVANI – COORD. NEPP “SOBRE OS NÚCLEOS DA UNICAMP”

_ ... como todos vocês nessa reflexão ao mesmo tempo pessoal e disciplinar, interdisciplinar, histórico. E o que impressiona a gente é que em todo momento ela continua a nos desafiar. Ela continua colocando novos desafios na frente da gente e com todos esses anos nas costas, eu tenho certeza, que é muito válido responder esses desafios. Vamos encerrar essa seção, eu convido todos a participar de uma comemoração aqui no prédio.

_ ... um irmão, até no sentido psicanalítico, mas também como alguém que juntamente com a Elza enfrentou as vicissitudes desses 20 anos em relação aos núcleos interdisciplinares da UNICAMP, o Daniel também participou disso. A Elza mostrou muito bem que os núcleos demoravam quase 11 anos para serem institucionalizados. Que na verdade, a idéia de núcleos que foi abraçada tão prontamente pelo Dr. Pinotti, depois pelo Prof. Paulo Vernar, sofreu uma terrível oposição interna na universidade, a qual nós resistimos bravamente. Eu nunca me esqueço, fazíamos parte a Elza e eu de uma mesa tentava apresentar os núcleos a UNICAMP, quando um professor veemente reclamava que ele estava pasmo, que ele abria a lista telefônica da universidade, que os núcleos já tinham ramais. A sugestão que nós demos é que precisaria, então, acabar com essa convenção que éramos núcleos de comunicação telepática. Lembra-se disso? Foi duro esse tempo. Mas eu acho que os núcleos se cristalizaram, houve esse processo de depuração, na verdade éramos 27 hoje somos menos de 18. Houve um processo de depuração que acabou decretando uma (inteligível) dessa experiência. Eu acho que a UNICAMP é uma universidade cheia de experiências inovadoras. Primeira faculdade de Instituto de Computação, primeira faculdade de Engenharia de Alimentos, e por aí afora. E a primeira universidade que consolidou a experiência interdisciplinar.... O meu testemunho Elza, é que essa consolidação se deveu muito mais ao trabalho das pessoas que estavam nos núcleos do que as administrações universitárias. Nós temos a experiência terrível que as duas últimas administrações da universidade, a primeira até por uma certa inércia em termos...

.....e você mostrou muito bem que aos poucos nós fomos nos esgueirando e passando a integrar a estrutura da universidade. Esse desafio que você lança para o futuro, eu acho que é...(inteligível)... Hoje nós temos maturidade, particularmente autoridade acadêmica, para exigir que a gente faça



nossa própria ... (inteligível) ... Eu queria te cumprimentar, agora sim em nome do NEPP..... e te cumprimento também, cumprimento ao NEPO, como representante docente do Conselho Interdisciplinar. E queria dizer que hoje, se inaugura o ciclo dos primeiros grupos completarem 20 anos. O NEPP fará no dia 1º, nós vamos comemorar no dia 6, como todos já sabem. Eu acho que agora, encerrando esse primeiro ciclo, nós temos que partir para a agenda, ganhar interdisciplinaridade e ganhar uma institucionalidade mais pesada. Parabéns Elza, de coração.